

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
31 DE JULHO 2023

ARÁBIA / 1982

Um filme de ROSA COUTINHO CABRAL

Realização e argumento: Rosa Coutinho Cabral / **Diálogos:** Joaquim Leitão / **Comentário (texto off):** José Dias de Souza / **Direção de fotografia:** Daniel Del-Negro / **Assistência de imagem:** Vítor Gonçalves / **Direção de som:** Pedro Caldas, Joaquim Pinto, João Félix, Vasco Pimentel / **Música:** Carlos Araújo / **Montagem:** Leandro Ferreira, José Cunha / **Caraterização:** Isabel Russel / **Assistência de realização:** Simão dos Reis / **Música:** Carlos Araújo / **Interpretação:** Isabel Pral (Mariana), Edgar Cappelin (Benjamim), Paulo Ferreira (Luís), José Assunção (Óscar), Manuela de Freitas (voz de Mariana), Nuno Carinhas (voz de Benjamim), José Mário Branco (voz de Luís), André Gomes (voz de Óscar), Luís Lucas (narrador).

Produção: Azul Sociedade de Produção de Imagens (Rosa Coutinho Cabral) / **Direção de produção:** Zita / **Assistência de produção:** Pedro Costa / **Cópia:** 16mm, cor, falada em português / **Duração:** 39 minutos

Com a presença de Rosa Coutinho Cabral.

Arábia é apresentado juntamente com **Contactos**, de Leandro Ferreira, cuja folha é distribuída em separado.

A Azul – Sociedade de Produção de Imagens foi uma empresa de curta duração que no início dos anos 1980 produziu quatro filmes (todos fotografados por Daniel Del-Negro): duas curtas/médias metragens, **Arábia**, de Rosa Coutinho Cabral (de notar que neste caso trata-se de uma produção da própria realizadora “com a colaboração” da Azul), e **A Mão Fechada**, de José Diogo Gonçalves, a longa **Do Outro Lado do Espelho – Atlântida**, do próprio Daniel Del-Negro, e em jeito de coprodução, **Ninguém Duas Vezes**, de Jorge Silva Melo. De certo modo, a Azul seria o “tubo de ensaio” do que viria a ser a Trópico Filmes, fundada em 1984, o que se torna claro a partir do genérico de **Arábia**, com a assistência de produção de Pedro Costa, a assistência de imagem de Vítor Gonçalves e a codireção de som de Pedro Caldas (todos figuras definidoras dessa futura empresa produtora, juntamente com José Bogalheiro e Ana Luísa Guimarães). Estas duas entidades, Azul e Trópico, juntamente com uma outra produtora, a Paisá, marcaram de forma fundamental o que foram os primeiros passos da nova geração de realizadores do pós-25 de Abril, a dita Terceira Geração, naquilo que era uma tentativa de fazer um cinema de forma independente. Independente dos grandes produtores (Paulo Branco, António-Pedro Vasconcelos, António da Cunha Telles, Henrique Espírito Santo) mas em moldes autorais, bem distantes e bem distintos da horizontalidade das cooperativas que se haviam apresentando como veículos alternativos de produção na segunda metade dos anos 1970, após a fragmentação do Centro Português de Cinema (Grupo Zero, Cinequipa, Cinequanon, VirVer e Cooperativa Paz dos Reis).

Rosa Coutinho Cabral, licenciada originalmente em Sociologia pelo ICTE, entra na Escola de Cinema logo no primeiro ciclo letivo completo, isto é, na turma de 1975-76, a primeira após a revolução. Uma turma particular, pela sua grande dimensão (em pleno PREC os alunos exigiram que se alargassem as vagas e que se aceitassem mais alunos – sendo que o mais audível proponente dessa medida acabaria expulso, Nuno Trigueiros), e pelos alunos que então se inscreveram. Além de Coutinho Cabral, esta foi a turma de João Botelho, Daniel Del-Negro, Rui

Cádima, Joaquim Leitão (autor dos diálogos de **Arábia**), João Garção Borges, José Bogalheiro, José Diogo Gonçalves, José Alves Pereira, José Lã Correia, José Mazedo, Vítor Gonçalves, Pedro Caldas entre vários outros. Após a Escola, Coutinho Cabral começou por trabalhar com a Equipa TV, no âmbito da Secretaria de Estado da Emigração, projeto liderado por José Bogalheiro, José Alves Pereira e Pedro Massano Amorim que cessaria pouco depois – assim que deixou de ter o apoio da referida secretaria. **Arábia**, sendo a estreia da realizadora, marca igualmente o encontro de uma série de outros ex-alunos da então intitulada Escola de Cinema do Conservatório Nacional, muitos deles da turma imediatamente posterior à de Rosa Coutinho Cabral. José Diaz de Sousa (autor na narração), Simão dos Reis (assistente de realização), Leandro Ferreira (co-montador) e Vasco Pimental (codiretor de som) entram na Escola em 1976-77. Serve este introito para destacar a importância da frequência da Escola de Cinema para a construção de um espírito geracional e, mais que isso, do modo como os primeiros filmes de uma série de cineastas ensaiaram aquilo que se tornariam futuras parcerias criativas (no caso de Coutinho Cabral, as colaborações com Simão dos Reis e Pedro Caldas prolongar-se-iam por vários anos).

Nas atas da prova de admissão de Rosa Coutinho Cabral na Escola de Cinema pode ler-se “A candidata apresentou várias provas de montagem fotográfica e uma experiência sobre a cor, diferenciando tempo de revelação, banda sonora e um inquérito imaginário. De todos estes trabalhos, mais a entrevista apreende-se uma visão sobre as imagens e os sons extremamente literária em que o referente verbal é constantemente solicitado [...]” Se esta era a caracterização da jovem realizadora em 1975, sete anos depois, um curso e uma série de experiências profissionais em nada alteraram o fulgor literário da sua “visão sobre as imagens e os sons”. **Arábia** é um dos poucos – senão mesmo o único dos – exemplares portugueses de um cinema inspirado pela estética e pelos tropismos do Nouveau roman. Alain Resnais, Marguerite Duras ou Alain Robbe-Grillet rondam por aqui e a isso muito se deve a natureza literária da narração assinada por José Dias de Souza (e dita por Luís Lucas), que muito reflete as preocupações literárias do realizador que também é escritor (ou talvez o contrário, do escritor que também foi realizador). De facto, o narrador-escritor começa por nos anunciar que esta história versará sobre duas personagens que se destinavam a romances diferentes e que foi contra a sua vontade que elas acabaram por se cruzar. O cruzamento entre escrita e cinema será cada vez mais denso à medida que o filme progride e a relação disso com a problemática da memória (e como estas se confundem, contaminam, apropriam ou transformam) confirma a relação com o Nouveau roman e antecipa, em certa medida, o filme que José Dias de Souza e Simão dos Reis haveriam de realizar, **A Sétima Letra** (1989), não tanto na relação dissociativa da memória, antes pelos contágios identitários entre algumas personagens.

Se neste filme o núcleo dramático se situa na dúvida se Ema é Mariana, ou se Mariana substituiu Ema, no filme de Souza-Reis tudo se constrói em torno da transformação de Berardo em Gerardo (ou vice-versa). **Arábia** assume esta dimensão lúdica até às últimas consequências, e para isso Rosa Coutinho Cabral começa por provocar um jogo de dissonâncias entre o corpo do ator e a sua voz. Para cada uma das quatro personagens principais, a realizadora escolheu dois atores ou duas atrizes, um para lhes dar corpo, outro(a) para lhes dar voz. Mariana é encarnada por Isabel Pral mas soa a Manuela de Freitas, Benjamim mexe-se no corpo de Edgar Cappelin mas fala como Nuno Carinhas, Luís existe em Paulo Ferreira e tem locução de José Mário Branco e, por fim, Óscar consubstancia-se em José Assunção mas dialoga como André Gomes. Esta separação entre “imagens e sons”, entre corpo e voz, produz um efeito de distanciamento emocional e até psicológico que sublinha a importância do texto sobre a interpretação, isto é, a importância da palavra sobre a atuação. Corpos mudos e vozes miasmáticas que nunca se chegam a unir – nem podiam.

Num texto da própria realizadora, publicado no catálogo do 11.º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, onde **Arábia** foi exibido, afirma-se “como na metáfora, o prazer está na substituição” e, mais adiante, “é um caso de sujeito, já que Benjamin se persevera como

personagem pela prova do corpo. Benjamin, o arquitecto que a escrita inquieta, vai interferir na memória que une o passado e o futuro de Luís, vivendo o intervalo que o tempo tinha congelado...” ou ainda “são personagens que percorrem indícios que afloram sinais... num filme que não descreve sentimentos, mas metaforiza a paixão através da sua figuração no espaço”.

Logo no início do filme cita-se (sem explicitar a origem, *O Vermelho e o Negro* de Stendhal) “Ce regard est peut-être une comédie” e, efetivamente, em **Arábia** tudo se joga numa comédia de olhares (onde ninguém ri, como atenta a realizadora no referido texto). Uma coisa sibilina, um divertimento subtil entre referentes e referências, entre conotação e denotação. E tudo isto se complexifica quando além de um narrador-escritor e de personagens-corpo-literárias que, elas próprias, escrevem (“continuo a escrever insensatamente” confessa Benjamim), surge um romance dentro do romance – e se passa, habilmente, da primeira para a terceira pessoa do singular (não só ao nível do tempo verbal, mas também no modo como se imiscuem as diferentes singularidades, “viver a vida de outro dói, especialmente quando a nossa está parada” ouvimos Luís Lucas lamentar). Há, ao que dizem, um diário de um marinheiro comprado num qualquer alfarrabista que contém, entre as suas páginas amarelecidas, um documento autógrafa do próprio James Joyce. Esse escrito trata-se, afinal, do pequeníssimo conto *Araby*, parte da edição original de *Dubliners* que nem por sombras se procura aqui adaptar. É, pois, um MacGuffin que propulsiona a ação (e dá o título à curta), num filme que nada tem de *suspense*. Mas a coisa não se fica pelo mero subterfúgio narrativo; é que sendo um livro, dentro de um filme literário (ainda para mais com a dimensão aurática de um texto manuscrito pelo próprio Joyce), tudo acentua a qualidade intertextual da obra, frisando a consciência das personagens enquanto figuras literárias.

Trata-se, portanto, de um labirinto de espelhos onde as referências literárias e cinéfilas são todas postas em cima da mesa e alegremente dissecadas. Como escreve Rosa Coutinho Cabral, “Eça e Pessoa disseram: a minha pátria é a minha língua e eu digo que a minha cultura é o meu continente. E é dentro dela que ensaio as convenções: sentindo-as, tornando-as minhas; subvertendo a ordem da imaginação [...]” Daí que tudo caminhe para o paroxismo das ruínas, onde Ema se faz Mariana, que é como quem diz, onde um corpo assombrado por uma voz, se revela com uma outra identidade, “re-assombrando-se”. Aí tudo fica explícito, “quando fecho os olhos não é a ti que vejo, vejo-a a ela”. Imagem, palavra e ideal, três entidades voláteis que ora se alinham numa personagem, ora se desmancham num leque de conceitos abstratos. E, no final, o narrador recorda-nos a epigrafe, “o que os olhos veem nunca são as palavras”. **Arábia** é um filme meta-literário e meta-fílmico, tomado por arabescos marienbadista auto-conscientes onde, retomando as palavras da realizadora, “filmar [...] é fazer da nossa vida um método, que é como quem diz, habitar a ficção”.

Ricardo Vieira Lisboa